

A inesquecível viagem de Tatá

Tatá era um canário da terra muito estimado. Estava em uma gaiola que era abastecida diariamente com água limpa, alpiste, couve e jiló. Gostava muito do jiló, cujo amargor o incentivava a cantar com alegria. Tatá foi pego em um alçapão estiloso, onde continha uma boa quantidade de alpiste no seu piso. Na inocência de poucos meses de vida, havia acabado de aprender a voar, chegou na beira do alçapão, viu aquela comida apetitosa espalhada no seu piso, desceu ao poleiro da armadilha e plac. Sua tampa fechou. Tatá viu-se preso. Tentou sair. Era impossível. Um homem maduro e um menino, vibrando de alegria, pegaram aquela armadilha e foram correndo para casa. Segregaram Tatá em uma bela gaiola, com água limpa e muito alimento. De manhã a levavam ao ar livre e à tardezinha era recolhida dentro de casa. Conversavam com Tatá acreditando que estivesse feliz ali. Comida, água e um lugar seguro é o que todos querem, pensavam eles.

Tatá foi mudando de cor. Passou a adquirir penas amarelas e a praticar um trinado bonito que agradava mais ainda aos seus criadores. Ficou amarelinho, viçoso e bonito. Cantava maviosamente bem desde a manhã até o cair da noite, com intervalos significativos.

Sua vida era aquela gaiola. Um dia sua portinha estava aberta. Tatá pensou: é hora de conhecer o que existe lá fora. Ensaiou um voo! “Vou ou não vou.” Depois de muito relutar optou por conhecer o mundo que pouco conhecera na tenra idade.

Corajosamente deu um impulso nas pernas e alçou voo indo assentar no galho de um arbusto quase seco que estava bem próximo. Uma grande árvore estava à sua frente. “É prá lá que eu vou!” Alçou novo voo. Logo se viu pousado em uma mangueira frondosa. Olhou para cima admirou o azul do céu e o branco das nuvens, viu galhos, folhas e frutas. Bicou as folhas e não gostou. Fez o mesmo num dos galhos e igualmente não sentiu nada de bom. Partiu para bicar uma das frutas. Admirou ao perceber tanta doçura. Saboreou o quanto pôde. Era hora de voar mais. Partiu sem destino.

Assentou numa pequena árvore, próxima a um riacho manso e limpo. Bebericou ali aquela água maravilhosa. Voltou ao galho de onde viera e trinou com alegria, demonstrando toda sua satisfação de ser dono de si. Uma incauta abelha se aproximou dele. Assustada implora: “sr. passarinho não me devora não!” Amistosamente Tatá lhe responde: “abelhinha, não se preocupe. Eu não me alimento insetos, nem de minhoquinhas. Aprendi antes de cair no alçapão a respeitar todos os seres. Me alimento de sementinhas, de gramíneas, alguns raminhos, frutas, e de várias folhas. Gosto muito de jiló e adoro uma água fresquinha. Me ensinaram que temos que preservar os seres vivos. Todos têm a sua utilidade na Terra. Você, eu sei, faz um trabalho inestimável. São vocês que fertilizam as plantas que alimentam a população mundial. Sem vocês já não existiria vida humana.” A abelha, sentindo agradecida por tanto reconhecimento, alçou voo, foi até a cabecinha amarela de Tatá e a seu modo deu-lhe um beijo de agradecimento e partiu contente em busca de pólen, para produzir o mel que alimenta sua colmeia.

Tatá sentiu-se importante naquele mundo que já percebia ser hostil a tudo e a todos.

Alçou novo voo sem rumo e sem destino. Queria apenas gozar da natureza e da sua liberdade. Passando sobre o lago bonito e pequeno, viu uma mancha amarela. Sua curiosidade o levou até lá. Ao chegar a mancha se desfez. Eram borboletas daquela cor, isto é, da sua cor. Restou uma. Era uma borboleta que havia se ferido e não podia mais voar.

Disse a ela para não ter medo, que não lhe faria mal algum. Soube da sua história. Soube por ela que são grandes polinizadoras e se alimentam do néctar das flores e que não fazem mal a ninguém e que sua espécie tem sofrido com os agrotóxicos utilizados na agricultura que lhes causam doenças e as levam a morte com frequência.

Tatá repetiu o que havia dito à abelhinha, despediu-se, desejou-lhe franca recuperação e que suas companheiras voltassem logo para assisti-la.

Novo voo. Avistou outra mancha amarela. Eram flores. Aproximou-se. Puxou assunto. Não houve resposta. Elogiou a beleza do amarelo e do verde que as sustentavam.

Nos arredores degustou algumas sementes de gramíneas e sentiu sede. Foi em busca de água e sofreu uma grande decepção. Aquela água estava toda poluída e ele não conseguira bebê-la. Entardecia, pensava ele. Na verdade, ainda era cedo. O céu escureceu. Ele ficou sem saber o que acontecia. Era uma fumaça negra emitida por uma indústria nas imediações, que envenenava a natureza e causava um odor desagradável naquele lugar.

Tatá sentiu-se desconfortável. Voou de volta para sua gaiola.

Antes de lá chegar, pousou num abacateiro e, já experiente na vida, bicou uma das suas enormes frutas. Apreciou seu sabor e surpreendeu com o que viu em seguida: era uma canarinha que diariamente o visitava, porém à distância, sem que ele a percebesse. Num salto, aproximou-se dela. Trocaram afagos passarinheiros por algum tempo e partiram em voo alegre rumo à sua antiga morada.

Já na gaiola, agora acompanhado da bela canarinha, ainda com a porta aberta, anunciou sua volta, com o mais belo cantar que sabia emitir!

Ao verem-no de volta, seus tutores se alegraram e, surpresos enviaram-lhes beijos às suas maneiras e não mais fecharam a portinha da gaiola.

Anoiteceu. Cansado, Tatá acomodou-se no poleiro ao lado de sua nova e bela companheira, pensou na sua aventura, na sua conquista, lembrou os lindos momentos vividos naquele dia, esqueceu a água suja e a fumaça malcheirosa, censurou os homens por fazerem tanto mal à vida na Terra, observou a portinha da gaiola propositadamente deixada aberta. Imaginou em que lugar na gaiola fariam o ninho para abrigar os filhotes que juntos haviam programado. Sonhou mais ainda: “que bom seria buscar uma porção daquela nuvem branquinha para aquecer o ninho dos nossos filhotinhos”. Finalmente adormeceu pensando em uma nova e inesquecível viagem como aquela que acontecera nesse dia.